Fotografar... Borrar... Mover... O que pode a criança na infância?

To photograph... To blur... To move... What can do the child in the childhood?

Rosemari Formento Bonickoski[1]
Diana Sueli Vasselai Simão[2]
Gicele Maria Cervi[3]

Resumo:

A partir da questão "O que pode uma criança na infância?", esta pesquisa levou-nos a cartografar a relação entre um corpo-adulto e os movimentos de crianças, de dois espaços de educação infantil em Blumenau, SC. No processo fotografamos, revelamos, maquinamos, imprimimos, estampamos, gravamos, produzimos. A questão provocou-nos uma entrada em trilhas em busca de pistas de criança, quando esta se encontra em um espaço de educação infantil institucionalizado, na tentativa de habitar territórios e construir mapas do que escapa ao olhar adulto. Onde estão as crianças nas trilhas? Como romper com o equilíbrio, com o cristalizado, entrar pelo meio, pegar pistas de criança sem esculpir modelos, sem moldar os modos ou colocar setas indicando uma direção correta? Deleuze (1997), Lins (2012), Godoy (2013), Preve (2010), Cervi (2013) são autores que, junto com as fotos, impulsionaram-nos na construção desta cartografia. A potência da imagem fala, grita, chora e assombra; ela incomoda. E ela articula-se com o desejo de mexer com outros materiais, outros tempos, na necessidade de criar e de sacudir o pensamento, tentando sair da rigidez e apostando na multiplicidade da vida, dos encontros, da potência das/nas/com as crianças. As potências da criança desterritorializavam o corpo-adulto que buscava se reterritorializar, e nessa tensão de

[1] Coordenadora Pedagógica no Centro de Educação Infantil Emília Piske em Blumenau – SC. Mestra pela Universidade Regional de Blumenau FURB. Grupo de Pesquisa, Políticas de Educação na Contemporaneidade.
[2] Coordenadora Pedagógica no Centro de Educação Infantil Hilca Piazera Schnaider em Blumenau – SC. Mestra pela Universidade Regional de Blumenau FURB. Grupo de Pesquisa, Políticas de Educação na Contemporaneidade.

[3] Professora do quadro da Universidade Regional de Blumenau, professora do Mestrado em Educação – PPGE-FURB, coordenadora do Grupo de Pesquisa Políticas de Educação na Contemporaneidade. Graduada em Pedagogia, mestra em Educação pela Fundação Universidade Regional de Blumenau e doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

forças intentamos compor um texto que tenta expor e compor com linhas de fuga e dar visibilidades às resistências possíveis nesses espaços educacionais na relação com a criança.

Palavras-chave: Criança. Infância. Imagem.

INTRODUÇÃO AO MOVIMENTO: AS MIGALHAS DE JOÃO E MARIA

Com este texto buscamos borrar as fronteiras institucionais e andar nas trilhas da infância. As instituições de educação infantil pesquisadas abrem o mapa, dispõem um meio a habitarmos e nessa habitação abrem-se atalhos que têm os rastros dos coletivos e que provocam um diálogo com a infância e a criança. Assim, nossa escrita busca seguir pistas de criança em uma infância institucionalizada: os dois espaços pesquisados olham para a criança como potência, inspiram-se nos documentos oficiais DCNEI 05/2009, mas saem desta rota para inventar outras possibilidades neste território, outras formas de habitá-lo. Como mapearmos o que pode uma criança na infância, sem com isso dizermos aonde queremos chegar? A ideia é perdermo-nos, portando conosco o desejo de viver o não vivido, porém à companhia de um roteiro. Disto vem a constatação: somos viajantes, não andarilhos. O corpo (escolarizado) necessita de um traçado, de uma rota: como aventuramo-nos sem nos preocuparmos com a volta? Buscamos na memória a história infantil de "João e Maria", que marcavam sua rota para conseguir voltar. Podemos até nos utilizarmos de pedaços de pão, sabendo que os pássaros destruiriam nossa trilha, todavia a ilusão da rota está no corpo como limite. A criança inventa muitos atalhos, o adulto-professor necessita despir-se deste corpo viajante, cheio de rotas e trajetos, para que talvez perceba tais pistas de criança.

> O devir-criança é forma que se move no meio das coisas, sem origens nem fim, nem substância nem moral, nem circunscrição nem condenação, mas desterritorialização que abre para além das formas determinadas ou leituras canônicas que louvam a imitação e o começo, sem levar em conta a transvalorização vivida pela viagem ou travesseia da produção – oposto da reprodução, da representação. (LINS, 2012, p.93)

Enquanto algumas migalhas de pão viravam comida de passarinho, esse "devir-criança" desterritorializava as das rotas em trilhas e nós seguimos viagem.

SEGUIR VIAGEM: AS PIRUETAS COM A CÂMERA

Seguimos, apoiando-nos em nossos limites para desdobrá-los em outra coisa, e fomos encontrando nesta viagem muitas paisagens. Como ainda éramos viajantes, levamos a máquina fotográfica para enquadrar tais paisagens até achar *o* ângulo, entrementes, a criança, ela virava-se de ponta cabeça, jogava-se no ar, subia sem saber qual o final ou a finalidade, dava utilidade diferente às coisas do adulto, olhava para os pequenos animais como continuidade de seu corpo, encontrava na sombra de seu corpo a brincadeira mais cara.

Precisamos então desfocar, borrar e roubar a imagem, como um segredo de criança escondido em uma das mãos: "A imagem – arranjo de forças/composto de sensações – não é as coisas que se percebe, mas, sim as sensações que forçam a perceber a passagem das forças" (GODOY, 2013, p. 212). Para brincarmos com essa imagem e suas sensações e, através delas, sabermos o que acontecia com esta criança na infância, fomos devagarinho cuidando para que a criança não percebesse nosso corpo de "gente grande". Longos dias se passaram e o nosso ensaio de andarilhar pelos territórios foi também um exercício de bagunçar os pensamentos. Deslocarmo-nos. "Inventar saídas. Fugir. Sair correndo e se lançar ao deserto, ao não dado das coisas e ao não previsto no pensamento dominante. Pensar como se pode e não como se deve. Isso produz surpresas? Sim, do contrário não seriam invenções" (PREVE, 2011, p. 77).

Seguiram-se novas propostas de vivencias/experiências. Essas cheias de invenções do adulto com a criança, mas o território que se nos mostrava ainda indicava uma infância cheia de rotas. Ao percebermos isto, voltamos ao mapa para desenhar trilhas e nelas nos perder com as imagens de criança – reinventar o mapa:

> O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 30).

Como passarmos pelo inesperado e desterritorializarmo-nos na busca de "encontrar esses devires minoritários que não aspiram a imitar nada, a modelar nada, mas interromper o que está dado e propiciar novos inícios" (KOHAN, 2004, p. 8)? Desenhar uma cartografia que

nos permita experimentar e que se abra para tantas outras; uma cartografia capaz de se deslocar e que esteja ali para (se) desdobrar (em outras) potências, cruzando com outras tantas... Em vez de caminharmos por rotas que saberíamos aonde levam e como seria este caminho a ser percorrido, propusemo-nos a caminhar como quem cria caminhos na busca das pistas (deixadas por uma criança): cartografar como quem brinca de esconde-esconde.

-Nesta brincadeira de esconde-esconde, o adulto brinca de clicar na máquina fotográfica, o *flash* é disparado, as imagens foram roubadas no instante do acontecido: milésimos de segundos que apreendem o desterritorializado – que o faz reterritorializado na foto? Talvez. Mas que guardam um momento de escapada, de esconderijo, do inusitado e que apresentamos em um bloco de imagem:

Figura 1. Bloco de imagem
Fonte: arquivo das autoras

Do olhar de criança para a mão que experimentava o sentir a textura de um ser das profundezas da terra, do olhar não capturado, do sentir não capturado, fica a imagem imóvel no fundo de nossa retina. Crianças combinavam um pequeno mundo paralelo e estas suas invenções eram vividas entre eles: moldar a terra, por exemplo, era muito mais do que montes padronizados de barro. Subir, subir, subir sem saber o que há no alto. Apenas subir. Sapatos que não são sapatos calçam o que? São comida? Pés de pedra? Virar-se de ponta cabeça só para sentir o vento. Mexer com a sombra, aquela que às vezes desaparece e ninguém sabe por quê.

SEGUIR A CRIANÇA: AS (DES/RE)TERRITORIALIZAÇÕES DE UM CORPO

Seguir a criança, arrastou-nos em devir-criança. Não nos tornamos crianças, mas, no processo de borrar as fronteiras e andar pelas trilhas que elas traçavam, territórios foram desterritorializados: sentidos, signos, setas, corpos, olhos e máquinas (fotográficas) foram arrancadas de seu lugar seguro e normal/normatizado para adentrar um desconhecido.

> (...) o território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair de seu curso e se destruir. A espécie humana está mergulhada num imenso movimento de desterritorialização, no sentido de que seus territórios "originais" se desfazem ininterruptamente com a divisão social do trabalho, com a ação dos deuses universais que ultrapassam os quadros da tribo e da etnia, com os sistemas maquínicos que a levam a atravessar, cada vez mais rapidamente, as estratificações materiais e mentais. A reterritorialização consistirá numa tentativa de recomposição de um território engajado num processo desterritorializante. (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 323)

Sair de modelos e de padrões desequilibra, mexe com territórios. O corpo do adulto é um território que está cheio de setas, normas, estradas; é um território com um roteiro bem estruturado. Desterritorializar o corpo-adulto é permitir-se viver outro corpo, é experimentar ser andarilho num território sinalizado. Em nossa caminhada, foi-nos necessário um corpo disposto à desterritorialização para que nos afetássemos pelas pistas das crianças. Entretanto, este corpo-adulto em desterritorialização tencionou reterritorizaliações e foi nesse jogo de forças que nosso movimento de pesquisa, fotografia e escrita se deu: entre tensão e atenção

pudemos perceber e apreender algo do que pode a criança na infância, impulsionando-nos para criar outras possibilidades, inventar novos jeitos, buscar outras formas de pensar.

> Adentrando na ambiência criadora da invenção somos forçados a pensar, a inventar problemas que desconcertam nossas percepções e sensações [...]. Isso implica a saída do abrigo do que é conhecido e como é conhecido, desabrigando-se no desaprender, movendo-se na recusa da mesmice da recognição que nos põe na repetição confortável (...) (PICOSQUE; MARTINS, 2008, p. 145).

A criança busca elementos não-estruturados para criar outras possibilidades de viver no mundo estruturado do adulto. A natureza da pista para esses inventos, para essas experiências e elas muitas vezes acontecem longe do olhar "cuidadoso" do adulto. "Forças que têm a força de produzir linhas de fuga. Forças de nos fazer fugir das acomodações territorializadas [...]. Acomodar imobiliza o corpo, incomodar o coloca em muitos movimentos, sobretudo, no de aprender e experimentar." (PREVE, 2011, p.86) O adulto, quando se joga nestas experiências de fazer junto sem saber o que vai encontrar ou como vai fazer, aprende junto e com a criança. Neste momento, eles inventam a maior das invenções, um outro jeito de habitar esse lugar – fazendo deste lugar um lugar outro.

Na relação com a criança, nós, adultas, buscamos outros fluxos, isso que, segundo Cervi (2013, p.62), "é algo intenso e instantâneo, mutante, que se desterritorializa para conjugar com outros fluxos". Buscamos outros jeitos de habitar o lugar. E quando decidimos viver uma certa experiência no que pode a criança na infância, observamos que o caminho não era linear e a caminhada foi mostrando coisas que não conhecíamos. Fomos desaprendendo ou, segundo Quintana (2013, p.129), aprendendo o mais difícil: "desler". Nosso corpo foi vivendo outras peles. Entramos pelas trilhas, muitas trilhas, que nos levavam a muitos lugares: às invenções das crianças, a seus segredos, a seus sussurros, às aventuras de grandes desafios. O adulto deslizava e se perdia, provocando práticas de liberdade, de intensidades criadoras, movido "por uma vontade de simplesmente viver ou sobreviver, pela multiplicidade dessas vontades. É preciso abrir espaço para que isso aconteça". (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 47). E a invenção nesta escrita também passa por partilhar e oxigenar ideias e o pensamento e o corpo...

Quando coletivos desafiam quebrar as fronteiras dos egos, das posses, da escritura territorial e tornam-se coletivos como possibilidade de vida, de encontro, de cuidado, eles inventam outros jeitos de habitar o mundo: olhar as singularidades a partir das possibilidades de experimentar e criar. As singulares acontecem na experiência, aqui pensada a partir de Larrosa (2014): "a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca." (LARROSA, 2014, p. 18). Para além do *flash*, da imagem ficam os cheiros, os sons, os medos, o sentir, o gosto, a textura, o prazer, o desgosto, o estranhamento – o desejar. "Desejar é, pois, passar por múltiplos devires; não é à toa que o devir se insere em um processo de desejo". (LINS, 2012, p. 134). Com esta escrita fomos cartografando um atalho. Fomos provocadas a fazer e a experimentar (com o movimento da criança) uma tentativa de recompor um território empenhado num movimento de desterritorialização.

REFERÊNCIAS

Cervi, G. M. (2013). *Políticas de gestão escolar na Sociedade de Controle*. Rio de Janeiro: Achiamé.

Deleuze, G. (1997). *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34.

Deleuze, G, & Guattari, F. (2011). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2* (Vol. 1, 2a ed.). São Paulo: 34.

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. (2009). Brasília: MEC/SEB.

Godoy, A. (2013). Mídia, Imagens, Espaço: notas sobre uma poética e uma política como dramatização geográfica. In V. Cazetta, & W. Oliveira Jr. (Orgs.). *Grafias do espaço: imagens na educação geográfica contemporânea*. (p.209-222). Campinas: Alínea.

Guattari, F., & Rolnik, S. (1986). *Micropolítica: cartografias do desejo*. (7ª ed.). Petrópolis: Vozes.

Kohan, Walter (Org). (2004). *Lugares da infância na filosofia*. Rio de Janeiro: DP&A.

Larrosa, J. (2014). *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica.

Lins, D. (2012). *Estética como Acontecimento. O corpo sem órgãos.* São Paulo: Editora Lumme.

Martins, M. C. F. Celeste Ferreira, & Picosque, G. (2008). *Mediação cultural para professores andarilhos na cultura.* Rio de Janeiro: Instituto Sangari.

Preve, A. M. H. (2011). Uma educação em linhas de fuga. In A. C. Amorim, D. Marques, & S. O. Dias (Orgs.). *Conexões: Deleuze e Vida e Fabulação e...* (p.75-88). Petrópolis: De Petrus.

Quintana, M. (2013). *Caderno H.* Rio de Janeiro: Objetiva.